

Praticando a escuta: pesquisa traz crônicas sobre os impactos da violência sexual na infância

Camila Fernandes de Souza / 12 de setembro de 2024 / Divulgação Científica, Saúde



Saúde | Dissertação de mestrado do PPG em Psicanálise busca analisar formas de cuidado às vítimas e às famílias na política de assistência social

*Foto: Joel Vargas/PMPA

Na psicanálise, a infância é vista como um período importante, porque marca a constituição da subjetividade e da identidade, ou seja, é quando um indivíduo começa a entender seu lugar no mundo. Como uma tentativa de dar voz a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, a pesquisadora Marjorie Machado abordou, na sua dissertação de mestrado, os efeitos da violência sexual nessa faixa etária e a contribuição da escuta psicanalítica na política de assistência social. Desenvolvido sob orientação da professora Luciane de Conti, o trabalho foi defendido em agosto junto ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da UFRGS.

Marjorie já havia trabalhado por 6 anos em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), um dos locais criados para o acompanhamento de famílias (dentre essas, muitas em que houve episódio de abuso sexual). Assim, em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, entre 2017 e 2022, a pesquisadora reuniu os testemunhos que integrariam sua dissertação.

Para isso, ela escreveu 4 crônicas inspiradas nos relatos que ouviu quando era coordenadora de um dos Centros. “Em psicanálise, nós procuramos não estar trabalhando com casos sobre os quais escrevemos nem escrever sobre pacientes que estamos acompanhando”, explica.

Enfrentando o trauma

Uma das crônicas apresenta o caso das irmãs Ana Clara, de 8 anos, e Ana Sofia, de 12, cujos nomes são fictícios. Ana Sofia havia sido molestada pelo padrasto, e a irmã mais nova foi testemunha do crime.

Graças à menina de 8 anos, a mãe tomou conhecimento do que havia ocorrido. Ana Clara falava aberta e frequentemente sobre o abuso para várias pessoas, o que fez com que isso chegasse aos ouvidos da responsável. Logo depois, a mãe registrou boletim de ocorrência, pediu exame de corpo de delito para Ana Sofia e, em seguida, se separou do marido e mudou de cidade com os três filhos. Na nova cidade, a mãe procurou ajuda no CRAS em que Marjorie trabalhava.

A partir do atendimento clínico, o psicanalista esclarece que os sintomas que o trauma provocou nas duas crianças foram muito diferentes. Ana Clara, a testemunha, manifestava alucinações, traços de psicose e distúrbio do sono. De dia, ela alucinava com o “homem de capa preta” e, durante a noite, acordava gritando e chorando.

Enquanto a caçula insistia em contar a mesma história repetidas vezes, Ana Sofia se recusava a falar do abuso. No próprio CRAS, diante de profissionais da assistência social, ela desviava do assunto. Os cortes no seu corpo, porém, eram uma forma de expressar os sentimentos sem verbalizá-los, o que na psicanálise é chamado de “acting out”.

Amparo e ancoragem

Marjorie esclarece que, na dissertação, tentou compreender qual foi a ancoragem para cada uma das quatro protagonistas. Esse termo, usado pelos psicanalistas Emília e Jorge Broide, significa “os fios que amarram uma pessoa à vida”. Eles podem ser um objeto, um acontecimento, uma pessoa, uma instituição ou um laço afetivo.

No atendimento às famílias, o objetivo principal dos programas de assistência social não foi apagar o evento traumático ou restabelecer a dinâmica familiar anterior a ele. Foi, na verdade, encontrar, por meio da escuta clínica, o que pode ser um amparo para o sujeito.

Essa possibilidade fica mais clara em uma das outras crônicas que integram o trabalho de Marjorie. O texto conta o caso de Ana Alice, uma menina de 13 anos que era estuprada pelo pai. Ana Alice tinha planos para o futuro e sonhava em ser bailarina. Apesar dos estudos e da arte serem um suporte para ela, havia um laço ainda mais significativo, sua relação com um parente específico: a avó.

A avó de Ana Alice sabia da situação e fazia de tudo para proteger a neta. Quando Ana Alice ficava sozinha com o pai porque a mãe saía para trabalhar, a avó ia buscá-la. Essa preocupação e esse acolhimento construíram a ancoragem de Ana Alice, que foi percebida e trabalhada no CRAS. Com a assistência e a escuta prestada a ela e a sua família, a menina pôde seguir sua vida longe do pai, que foi preso.

Para a psicanalista, o vínculo dessas meninas com os centros de assistência social é inegável, porque eles oferecem uma possibilidade de se ligar novamente à vida: “Lá elas podem falar, podem pedir escuta, pedir acolhida, aprender alguma nova atividade, fazer amizades”. Por outro lado, os efeitos da violência sexual não são tão conclusivos, porque o trauma se manifesta de diferentes formas, até dentro da própria família.

Assim, pode-se concluir que, de uma forma particular, o indivíduo vai tentar contornar esse rompimento com a realidade e afastar a angústia do evento traumático. Por isso, os CRAS e CREAS podem servir para auxiliar as crianças na elaboração da vivência abusiva, fortalecer a rede de proteção e, sobretudo, prevenir futuras ocorrências de abuso sexual.

“Uma vez que essas histórias estão escritas, de alguma forma elas são eternizadas, por mais que seja num formato literário. Se faz dar voz a todas essas histórias traumáticas que foram vivenciadas, para essas meninas que foram muito objetificadas”

— Marjorie Machado

A crônica das irmãs Ana Clara e Ana Sofia foi publicada no capítulo de um livro, que está disponível gratuitamente [aqui](#). Já a dissertação de Marjorie estará disponível na íntegra, em breve, no [Lume - Repositório Digital da UFRGS](#).

Saiba como denunciar

Até maio de 2024, o Brasil registrou 11.692 denúncias de violência sexual de crianças e adolescentes, segundo a Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos. No entanto, existe uma subnotificação de casos por diversos motivos, que vão do medo do agressor à falta de informação.

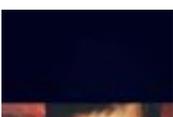
Por isso, também cabe aos familiares, amigos e aos educadores a tarefa de denunciar esses crimes. Felizmente, no caso de Ana Clara, a mãe procurou a delegacia assim que soube da agressão. É preciso estar atento aos sinais, como a presença de hematomas e fraturas, as mudanças bruscas de comportamento, [entre outros](#). Em caso de anormalidade, denuncie em algum dos canais abaixo:

- **Disque 100:** central de denúncias de violação de direitos humanos (ligação gratuita);
- **Conselho Tutelar:** consulte o número ou os endereços do seu município;
- **Whatsapp da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos:** (61) 99656- 5008;
- **Delegacia de polícia local:** é possível prestar queixas em qualquer D.P.;
- **Delegacias especializadas:** a lista de telefones e endereços do RS está [aqui](#);
- **Unidades de Saúde:** os profissionais da saúde encaminham a denúncia ao Conselho Tutelar;
- **CREAS e CRAS:** consulte as unidades no seu município.

:: Posts relacionados



Gabriel Tossi e a busca por conhecimento



Vestígios do embate entre normatização e dissidência na série “A criança”, de Marcelo Chardosim



Pesquisa de estudante de Medicina da UFRGS é referência nas novas diretrizes sobre Alzheimer



Suicídio: prevenção, luto e construção do cuidado

:: ÚLTIMAS



Carta aos leitores | 12.09.24



Crise climática aponta necessidade de mudanças na produção e no consumo de alimentos



Gabriel Tossi e a busca por conhecimento



Estratégia para enfrentar a desinformação climática



Biodiversidade e poluição



Neuroantropologia: unindo biologia e cultura



Carta aos leitores | 05.09.24



Apesar de mudanças na lei, bioma Pampa sofre com perda de vegetação



Porto Alegre: da catástrofe climática a uma reconstrução catastrófica?



Não é negacionismo, é projeto deliberado

INSTAGRAM

jornaldauniversidadeufrgs
@jornaldauniversidadeufrgs

Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA
UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro |
Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP:
90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br

[View on Instagram](#)